

O REGISTRO ESSENCIAL DE UM POVO ESQUECIDO

Em livro, Pedro Martinelli busca entender o caboclo e sua forma de vida; seu olhar não é o de um 'ladrao' que rouba imagens, mas o de um fotógrafo que quer conhecer e testemunhar uma época

SIMONETTA PERSICHETTI
 Especial para o Estado

Foram seis anos de trabalho, 200 mil horas de navegação e várias histórias que nos contam um pouco sobre a Amazônia: juta, pau-rosa, pesca de peixes ornamentais, moradia, queimadas, a pesca do pirarucu, transporte. O resultado é o livro *Amazônia - O Povo das Águas* (Editora Terra Virgem), que o fotógrafo Pedro Martinelli lança hoje, à noite, no MIS com uma exposição.

Durante esses seis anos, a bordo de seu barco Tabá, ele quis conhecer parte dos moradores da região, os que vivem na mata, os caboclos: uma população imensa que raramente aparece em reportagens: "Estava inconformado, pois sempre que se lembrava da Amazônia nunca se falou sobre quem habita essas matas."

O que Pedro Martinelli nos traz é um trabalho documental, quase didático, que, pelas imagens, em alguns momentos dramáticos, em outros glamourosos, contudentes ou delicadas, cruas ou ingênuas, vai contando sua visão sobre esse espaço brasileiro.

Sua busca foi a de escapar do padrão, não criar mais um livro com imagens clichês, mas elaborar um documento que buscasse entender aquele povo: o caboclo e sua forma de vida e sobrevivência. Não o olhar estrangeiro que age como um "ladrao", que rouba imagens, mas o olhar de um fotógrafo que quer entender, conhecer e testemunhar uma época: "Gosto do risco, sempre procuro estar do outro lado daquele que a maioria das pessoas está", conta. "De livros que nos trazem o lado exótico da Amazônia, estamos bem abastecidos, eu quis contar a minha história."

A ideia do projeto começou há 24 anos, quando Martinelli esteve pela primeira vez na região, acompanhando os irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas. Foi com os sertanistas que ele aprendeu a conhecer a região, a entender a mata e como sobreviver nela. Na época assistiu, além de ter feito os registros, ao primeiro contato com os índios conhecidos como gigantes, que ainda não tinham sido contactados pelo homem branco. A experiência fascinou-o e durante alguns anos e, por isso, ele até pensou em morar na Amazônia. Não deu. Voltou para a cidade, onde trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil.

Como fotógrafo da *Veja* cobriu vários golpes de Estado na América Latina, além de Olimpíadas e Copas do Mundo. Ele estava em Roma nas eleições dos papas João Paulo I e João Paulo II. Também trabalhou com moda e publicidade, mas a Amazônia não foi esquecida. Como fotogra-

lista, fez vários trabalhos na região, mas sempre em viagens curtas, cumprindo prazos. Em cada viagem, ele se sentia como um predador: havia muitas histórias a serem contadas, mas o pouco tempo não permitia abordagens mais profundas.

O tempo ajudou o amadurecimento do projeto. "Era preciso moldar todo o plano, definir como eu queria contar essas histórias", reflete Martinelli. "Nos anos 70, o coração era o que apertava o botão, o trabalho saía apressado, atabalhado, com o tempo começei a controlar mais o dedo, buscando a essência da imagem."

Não foi fácil. Durante os seis anos nos quais fotografou, muitos foram os momentos de dúvida. Várias vezes imaginou que seu enfoque estava errado. Dias e mais dias foram dedicados às pesquisas de textos e imagens para tentar encontrar a direção certa para seu trabalho. "Toda a minha bagagem como fotógrafo de jornalismo, de moda e de publicidade, todo esse caminho que percorri, acabou por ajudar-me na escolha e no olhar que quis dar a esse projeto." Não foi só.

Em alguns momentos, não era a teoria que assustava Pedro Martinelli, mas a vida na mata: "A noite é assustadora, quando você se

acredita que nós pulamos uma parte de nossa história ao ter nosso olhar muito voltado para o homem da cidade, para a miséria urbana, para as influências e modas estrangeiras, esquecendo de olhar para a raiz do povo brasileiro. "Os fotógrafos que estão sendo formados hoje tem esse olhar urbano", diz. "Fotografia é pé no chão e esforço físico, tem de caminhar, tem de olhar, tem de conhecer."

Produção - Trabalhos como esse que Pedro Martinelli nos traz, que estão sendo feitos em quantidade cada vez maior no Brasil, recuperam a época das grandes reportagens que antigamente tinham espaço na imprensa brasileira, quando a fotografia era por si só criadora de notícia e complementava o texto. Atualmente, com a informação pasteurizada, a fotografia retrocede e volta a ser ilustração de texto. Raras são as vezes que temos imagens realmente jornalísticas. Na maioria dos casos, encontramos fotos posadas e produzidas.

Nesse trabalho, que Pedro Martinelli considera como o seu primeiro livro em 30 anos de carreira, no sentido da concepção e da edição de imagens, ele também reproduz trechos de seu diário de viagem. Além da narrativa visual, conta-nos essa história com palavras: "Não sou só fotógrafo, sou jornalista, e senti a necessidade de imagem e texto andarem juntos, se complementando."

Segundo Martinelli, a sua proposta é a de fazer a ligação entre os dois mundos, entre as várias culturas, trazendo o ponto de vista deles para nós, nos dando a conhecer sua linguagem, mostrando para o restante do Brasil que existem culturas diferentes, com outras preocupações.

Quando viajou para realizar o projeto, sua intenção era responder a algumas questões que foram surgindo durante os anos em que elaborou o trabalho. Agora, no final, outras perguntas surgiram e o que ficou dessa experiência para Martinelli é que o trabalho, o registro visual, apenas começou. Para ele, há ainda muita história para ser contada via fotografia com os mais diversos olhares, um campo ainda imenso para ser explorado.

Ele está consciente de que seu livro não é um documento definitivo sobre a região, mas um abertura, um sinal do que pode ser registrado. "Andei somente 30% da Amazônia, durante esse tempo todo." E agora Pedro Martinelli? "Agora é recuperar o fôlego e continuar; tenho 20 novos temas para desenvolver, já estou voltando para lá."

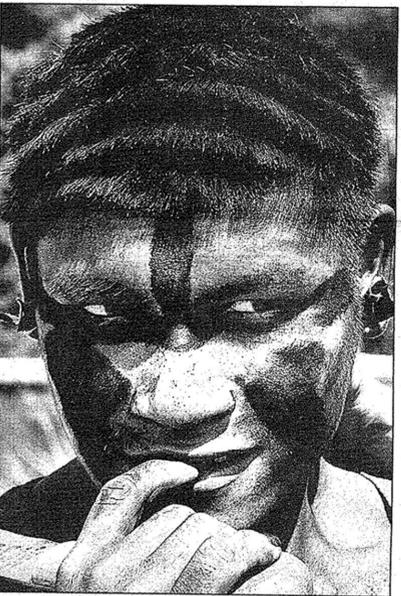
SERVIÇO
Pedro Martinelli. De terça a domingo, das 14 às 22 horas. MIS - Museu da Imagem e do Som. Avenida Europa, 155, tel. 852-9197. Até 23/7. Abertura às 20 horas com lançamento do livro 'Amazônia: O Povo das Águas'.

Façanha - Essa façanha Martinelli realizou sozinho, sem patrocínio. Isso permitiu que suas abordagens fossem livres. "O livro é o meu ponto de vista sobre aquele lugar, é o que eu penso sobre a região."

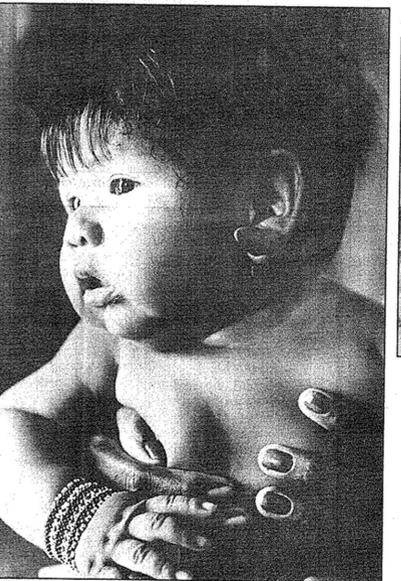
Em suas reflexões, Martinelli



Banho de cuia de criança no Alto Rio Negro, em abril de 97



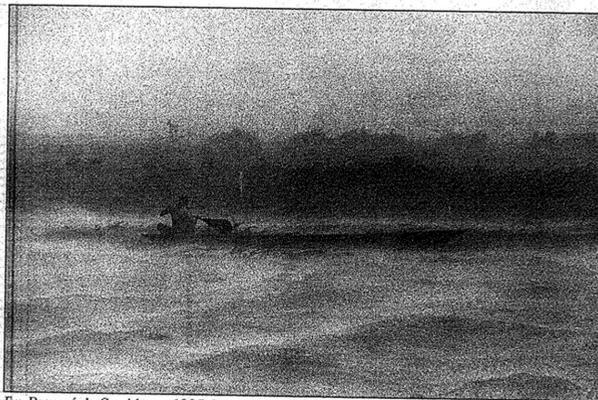
Com presente nas mãos, um índio contactado pelos Villas-Boas



Bebê que representa a fusão de tribos no Parque do Xingu



Em São Gabriel da Cachoeira, em abril de 1997, o banho no Rio Negro, em um fim de tarde, da menina que representa uma população imensa, raramente presente em reportagens, e que faz parte do livro de Martinelli



Em Paraná do Supá, em 1995, homem tenta controlar sua canoa em meio a forte temporal



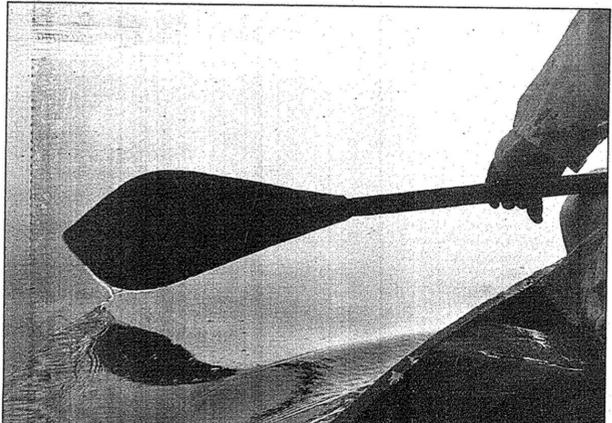
A luta entre o pescador e o pirarucu, o bacalhau brasileiro, já arpoado e vencido dentro da água



Em Curionópolis, abril de 1997, agricultores atravessam uma área atingida por queimada



Um perfume sutil exala da árvore de pau-rosa, ainda derrubada com métodos do século 16



A remada suave do caboclo que segue o pirarucu; o remo na mão esquerda, o arpoão na direita